

Baleal talvez por volta dos anos trinta (Foto: J. ...)

Os naufrágios do Baleal

Diz-se das pessoas que passam férias regularmente no Baleal que são uns chauvinistas sem emenda, sempre a gabar as vistas, a areia, a água, e até o clima desta praia. Este é ainda um sítio mágico, e até o clima tremendo, com nevoeiros frequentes e semanas inteiras de céu encoberto, chuva e frio, se tornou parte do charme especial desta velha praia.

Diz-se das pessoas que passam férias regularmente no Baleal que são uns chauvinistas sem emenda, sempre a gabar as vistas, a areia, a água, e até o clima desta praia. O Baleal é de facto ainda um sítio maravilhoso, apesar da urbanização inevitável dos anos oitenta e noventa, das construções clandestinas, da invasão dos carros, caminhas, camionetas e motorizadas de 50 cc, que passam incessante-

mente aos apitos, por entre cães a ladrar e crianças aos berros. De dia os cães correm soltos pela praia e aliviam as suas necessidades fisiológicas na areia, sob o olhar orgulhoso dos donos, e as outras pessoas deitam para o chão quantidades inacreditáveis de papéis, beatas, vidros, plásticos e latas. Os pescadores despejam das rochas para o mar todos os restos dos iscos, anzóis e fios, juntamente com sacos de plástico, restos de refeições, garrafas,

latas e embalagens de várias cores e feitios. À noite os bares enchem as ruas com mais carros, caminhas e camionetas, e as motos voltam sem escape nas duas direcções da única rua, fazendo ladrar os cães mais alto que os diálogos das telenovelas, que saem pelas janelas abertas e ecoam pelas ruas como se fossem emitidos por altifalantes sem qualidade. Apesar disto tudo, o Baleal é ainda um sítio mágico, e até o clima tremendo, com





nevoeiros frequentes e semanas inteiras de céu encoberto, chuva e frio, se tornou parte do charme especial desta velha praia. Em Agosto de 1919 o escritor Raul Brandão escreveu que o Baleal era "a mais linda praia da terra portuguesa," o que não é pouco, considerando que ali chegou depois de uma viagem horrível. Na altura só havia comboio até às Caldas da Rainha, e contaram-me que o carro em que lhe foi oferecida uma boleia se enterrou na areia

portuguesa: areia e mar até onde a vista alcançava. Mas enfim, a minha família não era uma democracia, e nós aguentamos estóicos os dias infundáveis com os poucos (mas bons!) amigos que fizemos. Logo que pudemos voltamos para o Baleal e foi ali que eu primeiro tomei contacto com as histórias de naufrágios, piratas e navios afundados que se haviam de tornar numa obsessão e acabaram por me levar a abandonar a engenharia e abraçar a

valiosos, como todas as ligas cobre. O Baleal é uma península que entra pelo mar dentro poucas milhas a Norte do Cabo Carvoeiro e deve ter representado um perigo para a navegação, desprovido de qualquer luz ou sinal que avisasse os navios que passavam. É por isso natural que ali se tenham perdido navios e embarcações de médio porte com alguma regularidade. Na costa a Norte do Baleal apareceram moedas e uma bigota de madeira, e nos

Foi no Baleal que eu primeiro tomei contacto com as histórias de naufrágios, piratas e navios afundados que se haviam de tornar numa obsessão e acabaram por me levar a abraçar a arqueologia subaquática nos anos noventa.

por alturas de Óbidos. Raul Brandão chegou ao Baleal num carro de bois que passava por perto e lhe ofereceu uma boleia. A minha mãe foi para o Baleal com os meus avós durante os anos trinta e eu passei lá os meus primeiros Verões, até o meu pai decretar que no Verão queria ver o Sol e nos arrastar a todos para a Praia da Mata, na Caparica, que no final dos anos sessenta era para mim e para as minhas irmãs a mais chata praia da terra

arqueologia subaquática nos anos noventa. Os naufrágios têm sempre sido uma dádiva da providência para as populações ribeirinhas. Um navio que se perdia representava um milhão de oportunidades para as populações locais, num tempo em que a pobreza endémica e o isolamento tornava tudo o que se podia salvar de um naufrágio num verdadeiro tesouro: comida, bebidas, roupas, mobílias, cargas, mas também madeira, cabos, âncoras e metais

anos oitenta ainda era possível mergulhar ali, nos restos de um naufrágio dos anos quarenta, o *Fernando Ibarra*, que eu ainda me lembro de ver com a proa fora de água. Diz-se que com o tempo a população de Ferrel, que aproveitava os naufrágios com entusiasmo, não terá resistido à tentação de ajudar a propiciar as condições para que estes acontecessem – diz-se que acendendo e arrastando fogueiras, mas penso que ninguém sabe >>

ARQUEOLOGIA

Qualquer intervenção arqueológica neste sítio requer a existência de condições especiais para tratamento dos artefactos a jusante, designadamente um laboratório com capacidade para moldar em resina epoxi todos os artefactos de ferro que há muito devem ter desaparecido, mas cujo negativo se encontra preservado nas concreções que juncam o fundo daquela área.

↳ ao certo como – e levando o governo de Lisboa a tomar providências enérgicas já no princípio do século XX.

Esta propensão para provocar naufrágios, salvar e vender as cargas, e as vezes matar os sobreviventes, isto é, as testemunhas, tornou célebres algumas populações em Inglaterra e nas Caraíbas. Estes piratas de terra – chamados em inglês “wreckers”

Capela de Sto. Estêvão, sob estas rochas jazem os restos de um navio de ferro, possivelmente o *Leven* (1905), ou o *City of Dublin* (1878) (foto: Filipe Castro).



ponta. Quando penso nisso, acho que nunca me pareceu excepcional o facto de haver tantos navios afundados na costa Norte do Baleal. Os naufrágios eram uma coisa natural como os ossos de dinossauro nas Pedras Muatas, o esqueleto pré-histórico

tartaruga gigante ou um peixe frade enorme. Uma vez deu à costa uma foca viva. Outras vezes os pescadores viam cachalotes a pouca distância da costa. A presença e a pesca de cetáceos são uma parte importante da história desta região.

Havia vários restos de navios afundados visíveis a pouca profundidade e várias histórias de naufrágios no Baleal. Mas é difícil dizer que vestígios correspondem a que naufrágios

– foram celebrizados pelo romance de Daphne du Maurier “Jamaica Inn” e pelo filme que Alfred Hitchcock fez deste livro. Pois bem, provocados ou não, as rochas do Baleal testemunharam inúmeros naufrágios e eu comecei a inspecionar os primeiros em meados dos anos setenta com umas barbatanas azuis claras que me magoavam os pés e uma máscara com um tubo acoplado que tinha uma curva de 180 graus e bola de ping-pong na

da Ilha das Pombas, o forte das guerras napoleónicas na ponta da ilha, a história da “estatueta fenícia” em casa de um pescador, os contrabandistas que ali desembarcavam caixas de tabaco no inverno, as pontas de seta de sílex que se apanhavam na costa Norte, ou a história do “galeão espinhol” da Papoa, em Peniche. O Baleal era assim: aconteciam coisas improváveis quase todos os anos. Volta e meia os pescadores apanhavam uma

Não é só o nome da praia (Baleal), ou da vila próxima (Atouguia da Baleia), onde se diz que o telhado da igreja matriz era sustentado por ossos de baleia até ao início do século XX. Há poucos anos um particular encontrou ossos de baleia numa vala que abriu para as fundações da sua casa. Havia vários restos de navios afundados visíveis a pouca profundidade e várias histórias de naufrágios no Baleal. Mas é

Praia dos Barcos. Do lado esquerdo há restos de um navio afundado. Em frente, a cerca de 200 metros, há restos de um casco de onde os mergulhadores tiraram, nos anos seguintes, uma hélice em bronze. Do lado direito há rastos de haver um canhão em ferro (foto: Filipe Castro).



Restos do forte das guerras napoleónicas.



difícil dizer que vestígios correspondem a que naufrágios. Havia restos de um casco em ferro junto a capela de Sto. Estêvão, de outro mais fora, em frente à Praia dos Barcos, e ainda de outro junto ao forte, onde no Inverno ficava por vezes destapada uma secção de um casco com vigas de bronze.

À saída da Praia dos Barcos, do lado Norte, havia mais destroços de um navio de ferro, e do lado Sul há notícia de haver mais concreções, embora não seja seguro que estas outras sejam tão recentes.

Por baixo da casa do Paulo Branco (esse mesmo, o brilhante produtor dos filmes do Manuel de Oliveira!) apareceram em 1983 os restos de um casco em madeira com pregadura em bronze.

Nesse ano o mar concluiu um processo de erosão que havia começado muitos anos antes e a língua de areia que ligava o Baleal ao continente perdeu tanta areia que passou a ficar alagada todos os dias, durante a maré cheia.

Nesse ano, a pedido da população, o estado construiu uma estrada ligando o Baleal ao continente que parou a deriva dos sedimentos e acumulou quatro ou cinco metros de areia na parte de cima da praia. Na praia Norte a areia reposta voltou a tapar os vestígios de ossos de dinossauros e de um ou dois navios antigos, embora com muito menos areia do que na parte de cima da praia.

O Verão de 1983 foi de facto excitante, com dinossauros, navios afundados e jornalistas, um estado que primou pela ausência, e os curiosos mais alarves que

Formeirão da colher de prata
(Foto: CNANS)



cada curioso levou um bocadinho...

Não me lembro bem se foi logo no princípio de Agosto, mas lembro-me que cheguei à praia por volta da hora do almoço e ouvi dizer que de manhã "um mergulhador de Ferrel" tinha saído da água com um saco cheio de balas de canhão e outros

Grande em cima de pranchas de surf emprestadas. O Miguel encontrou dois canhões de ferro em poucos minutos. Nesse mesmo dia, não sei se de manhã ou de tarde, Pedro Cruzeiro, outro explorador intrépido, descobriu os mesmos canhões do Baleal. À tarde alguns dos nossos pais deram o alarme, na Capitania de Peniche e em Lisboa. Jorge Albuquerque, do Centro Português de Actividades Subaquáticas, veio-nos visitar e deve ter tirado as únicas fotografias subaquáticas decentes deste sítio, embora ninguém sába onde estarão.

O sítio era de facto incrível. Canhões de ferro, balas de canhão, um cesto de vime com concreções com balas de canhão, uma concreção com mosquetes com o cano oitavado, restos de cabos, milhares de balas de mosquete em chumbo, pratos de estanho, fragmentos de faiança e os restos de uma colher de prata com um banho de ouro.

Não me lembro de ver restos de madeira do casco, mas lembro-me que as concreções estavam assentes no substrato rochoso e parcialmente cobertas. Em toda a extensão entre os restos do naufrágio e a Praia Grande havia pregos de cobre, escornilha e balas de mosquete.

Nunca se vai saber o que se encontrou no Baleal em 1983. Uma manhã os rastros de um tractor mostravam claramente que durante a noite alguém tinha arrastado uma peça muito pesada do mar, pela praia fora, até ao continente.

Alguns veraneantes partiram os restos de madeira que afloravam por perto para

O sítio era de facto incrível. Canhões de ferro, balas de canhão, um cesto de vime com concreções com balas de canhão, uma concreção com mosquetes com o cano oitavado, restos de cabos, milhares de balas de mosquete em chumbo, pratos de estanho, fragmentos de faiança e os restos de uma colher de prata com um banho de ouro.

eu alguma vez tinha visto, e que destruíram tudo o que puderam antes que o mar voltasse a tapar os restos de um navio antigo, possivelmente do século XVI ou XVII, do casco de madeira que apareceu junto à casa do Paulo Branco, e dos ossos do Jurássico médio que haviam aparecido do lado do continente, junto à fonte que ali existe. Os ossos do pobre dinossauro foram partidos em pedacinhos com pedras, e

artefactos de um navio afundado que tinha sido exposto pelo recuo da areia. Nunca vamos saber se o mergulhador era realmente de Ferrel, nem o que ele achou. A água, geralmente fria, estava absolutamente gelada. Pouco depois o meu amigo Miguel Vidal chegou à praia e descobriu uma solução para o problema da água fria: fomos os dois com máscaras inspecionar o fundo do mar em frente à Praia

resgatar os pregos de bronze, arrancaram mosquetes das concreções, balas de canhão e outros artefactos. O "mergulhador de Ferrel" continuou a mergulhar todo o Verão e a trazer para terra concreções que partia depois na praia com um martelo. A meio do verão veio uma embarcação de Peniche, com um marneiro da Capitania, e recuperou alguns artefactos, que estão agora no Museu **Br**

de Peniche. E no fim do Verão veio uma equipa de mergulhadores do Museu do Mar de Cascais que me ignorou olímpicamente e se meteu na água sem sequer olhar para mim, embora eu me tivesse oferecido para os levar aos sítios onde afloravam restos de naufrágios. Lembro-me de ficar na praia com os meus amigos a vê-los mergulhar longíssimo do sítio. Passado uma hora saíram da água (com um polvo ou dois dentro do fato...) e desapareceram sem deixar rasto. Quase dez anos mais tarde, quando finalmente me resolvi a oferecer ao Museu

assoreamento e desassoreamento tenham exposto os canhões pelo menos mais uma vez, nos anos noventa, não me parece que o sítio tenha sofrido mais destruições.

De qualquer forma, qualquer intervenção arqueológica neste sítio requer a existência de condições especiais para tratamento dos artefactos a jusante, designadamente um laboratório com capacidade para moldar em resina epoxi todos os artefactos de ferro que há muito devem ter desaparecido, mas cujo negativo se encontra preservado nas concreções que jurcam o fundo daquela área.

Peniche com quem me encontrei nesse mesmo Verão, quando estive no Baleal, e a quem sugeri que fizesse uma carta arqueológica desta região, tão esquecida das autoridades e com uma história tão rica. Desse jantar em Peniche, para o qual convidamos o Dr. Mariano Calado, historiador da região, acabou por surgir o Grupo de Estudos e Pesquisas Subaquáticas (GEPS), cujo trabalho em Vale de Frades já deu os primeiros frutos.

A equipa de Jorge Russo conta com a participação de um grupo de mergulhadores competentes e motivados, que incluem o

As histórias de achados subaquáticos fazem parte do folclore desta região, desde os tempos da apanha das algas e das histórias de canhões e sinos que se diz terem sido fundidos por uma empresa local. Muitos mergulhadores da região têm em casa peças de várias proveniências e idades e é difícil destrinçar os factos dos mitos.

Nacional de Arqueologia os artefactos que tinha encontrado e guardado num saco de plástico, no sótão da casa dos meus pais, o director do Museu, Francisco Alves, deixou-me ver as fotografias da equipa do Museu do Mar de Cascais, e verifiquei que incluíam os restos de um frigorífico que sei que estava muito longe do núcleo de canhões e na direcção oposta do casco de madeira. Não sei dizer se ficou alguma coisa intocada no fundo, depois da pilhagem intensa que este sítio sofreu durante o Verão de 1983. Pouco depois a areia cobriu a área da jazida com mais ou menos um metro de areia e embora os ciclos de

As histórias de achados subaquáticos fazem parte do folclore desta região, desde os tempos da apanha das algas e das histórias de canhões e sinos que se diz terem sido fundidos por uma empresa local. Muitos mergulhadores da região têm em casa peças de várias proveniências e idades e é difícil destrinçar os factos dos mitos.

Se bem me lembro em 1997 estes – ou outros! – canhões foram avistados declarados na Capitania de Peniche, mas a minha vinda para os EUA em 1998 afastou-me do Baleal e da história do navio afundado. Em 2003 fui contactado por Jorge Russo, um jovem mergulhador de

arqueólogo Jorge Freire, e com a orientação científica do Prof. Dr. Vasco Mantas. E já apresentou a primeira fase dos trabalhos no IV Congresso de Arqueologia Peninsular, que decorreu em Faro, em Setembro de 2004. Espero que o GEPS receba os apoios institucionais e privados que merece e continue o excelente trabalho que tem vindo a desenvolver. O património náutico e subaquático desta região merece bem um livro.

Para mais informações:

www.gepsinet.org/
<http://nautarch.tamu.edu/shiplab/indexbaleal-port.htm> ■

Prsia Grande. A construção da estrada repôs a areia nesta praia tapando os vestígios com pelo menos um metro (foto: Filipe Castro).



S MUNDO SUBMERSO

C12

Mundo Submerso Nº 91 • Ano VII • Novembro 2004
Mensal • Preço €3,30 (IVA Incluído)

África do Sul
Cara a cara com
o Tubarão Branco

Pesca sub
0 sargo por
3 campeões

Arqueologia
Naufrágio
do Baleal

Mergulho
Em caso de
emergência

BBC Wildlife Photographer of the year

Portfolio
subaquático

